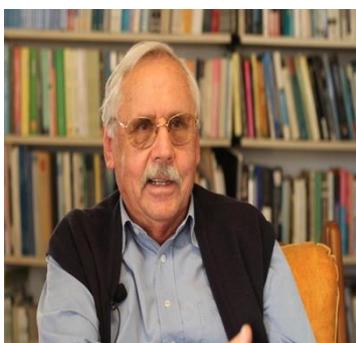


A CENTRALIDADE DO CONHECIMENTO E DA CULTURA NA SUPERAÇÃO DE DESIGUALDADES SOCIAIS – ENTREVISTA COM LADISLAU DOWBOR

DOWBOR, Ladislau¹ 

SAUL, Alexandre² 

PITANO, Sandro de Castro³ 



Prof. Dr. Ladislau Dowbor

Fonte: arquivos do entrevistado

A atualidade e o vigor do pensamento de Paulo Freire ganham força nesse início de século, marcados por grandes inovações tecnológicas, por novas formas de construir e trabalhar com o conhecimento, e pelo aumento de capacidades produtivas e de geração de riquezas, em meio a índices alarmantes de desigualdade social, pobreza e violência contra os seres humanos e o planeta. Completados 50 anos de sua obra seminal, a *Pedagogia do Oprimido*, vale indagar: que lições ainda podemos aprender com Freire, com o intuito de superar contradições bastante presentes, hoje, com destaque para aquelas que obstaculizam o sonho de uma sociedade menos cruel, mais justa e democrática?

Nesse contexto, buscou-se interlocução com o professor Ladislau Dowbor. Graduado em *Economie Politique* pela Université de Lausanne (1968), Mestre em Economia Social pela Escola Superior de Estatística e Planejamento (1974) e Doutor em Ciências Econômicas pela Escola Superior de Estatística e Planejamento (1976); atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O prof. Dowbor tem grande experiência nas áreas de Administração e Economia, atuando principalmente nos seguintes temas: mudança tecnológica, economia dos recursos humanos, economia regional e urbana, planejamento educacional e economia internacional. Seus livros e artigos estão disponíveis no site <http://dowbor.org>.

Ladislau Dowbor conheceu Paulo Freire ainda nos anos 1960, tendo convivido e trabalhado com ele desde as primeiras experiências de educação desenvolvidas no Nordeste brasileiro. Durante os anos de exílio forçado, estiveram juntos trabalhando na Europa e em diferentes países africanos e,

¹ Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). *E-mail*: ladislau@dowbor.org

² Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Católica de Santos (UniSantos). *E-mail*: asaul@unisantos.br

³ Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). *E-mail*: scpitano@gmail.com

mais tarde, novamente no Brasil, atuando como docentes na PUC-SP e na Gestão de Luiza Erundina⁴, na capital paulista.

Em tempos de grande instabilidade econômica e de políticas que engendram homogeneização e aligeiramento da educação, como é possível depreender das atuais propostas da "Base Nacional Comum Curricular" e do "Novo Ensino Médio", propugnadas pelo governo de Michel Temer, o diálogo com outras áreas do conhecimento torna-se crucial para ampliar capacidades críticas de "ler o mundo", e potencializar ações de resistência e transformação da realidade.

Nesta estimulante entrevista, realizada em março de 2018, são apresentadas memórias e análises do prof. Ladislau Dowbor, derivadas de suas reflexões sobre imbricações entre as áreas de economia e educação, dos períodos de convivência e trabalho com Paulo Freire, e de suas preocupações em relação à difícil e necessária mudança nas lógicas de produção e distribuição de conhecimentos e riquezas, com um horizonte de justiça social.

Entrevistadores - A educação e a escola, cada vez mais estão no centro dos discursos políticos, na mídia e na fala dos educadores e famílias. Hoje, a Base Nacional Comum Curricular ganha espaço nas políticas públicas de educação, no Brasil, em um momento que já é questionada em muitos países estrangeiros. O que lhe parece fundamental, em educação, para que crianças e jovens possam ler e transformar o mundo, hoje?

Ladislau Dowbor - Em uma sala de aula na qual o professor e o aluno dialogam, o professor é um assessor na construção de conhecimento do próprio aluno. O professor acompanha as curiosidades do estudante e oferece ferramentas científicas para transformar tais curiosidades em conhecimento. Há aí a visão de uma educação problematizadora, estudando articulação de conhecimentos e assegurando um contexto de redução da desigualdade. Isso é importante para pensar o desenvolvimento da educação em nível local. Por exemplo, em Santa Catarina, eu assessoriei um projeto do então Secretário Estadual de Educação, Jacó Anderle, para montar um programa que se chamou "Minha Escola, Meu Lugar".

Uma coisa é você estudar, como tradicionalmente a gente estuda, qual é o comprimento do rio Nilo. Tudo bem, dessa maneira você vai decorar qual é o comprimento do Nilo. Outra coisa é você estudar o riacho que atravessa a cidade na qual você vive, para entender como "funcionam" os rios. Aí surgem perguntas como: O riacho que atravessa a cidade está contaminado ou não? O que está acontecendo com a arborização na beira desse riacho? Por quê? E com a arborização na beira do Nilo? E coisas do gênero. O que interessa é o seguinte, há coisas concretas que o aluno já sabe sobre o riacho que passa na cidade; por exemplo, suponhamos que ele já sabe que a água está malcheirosa.

⁴ Luiza Erundina de Sousa foi eleita prefeita da cidade de São Paulo e governou o município no período 1989-1992. Nessa gestão, Paulo Freire assumiu a Secretaria de Educação entre 1989 e 1991, sendo sucedido por Mário Sérgio Cortella, que deu continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido por Freire e sua equipe, até o final do mandato de Luiza Erundina.

Mas, o que ele ignora e pode conhecer e o que ele poderia compreender melhor a partir dessa informação? Nesse sentido, tomar o rio como problema vai ajudá-lo no processo de conhecer a realidade e, ao lado dos professores, com ajuda deles, e aportes de informação, ele irá elaborar teorias e adquirir ferramentas de construção científica de conhecimento, a partir do que ele já conhece. Ou seja, ele vai descodificar⁵ essa realidade concreta e vai entendê-la no sentido profundo.

A partir daí as ferramentas de análise que ele adquiriu para examinar e criticar um elemento ou aspecto da realidade, ele não esquece, isso aí enraíza de uma forma que nunca mais sai. Depois, o estudante vai poder analisar o Nilo e outras coisas, outras partes do mundo, mas ele partiu do conhecimento concreto da localidade da cidade dele para construir capacidades de analisar, de argumentar, de organizar ferramentas estatísticas, de elaborar conceitos que explicitam e explicam o real e intensificam possibilidades de mudança. Isso funciona muito, isso é utilizado em muitas universidades do mundo, hoje, não apenas na educação básica regular ou em contextos de educação não escolar. Estou me referindo a Universidades sérias, que não estão preocupadas somente em "fornecer um diploma", mas sim, em formar alunos que multiplicam a capacidade e o nível científico e tecnológico do conjunto de toda uma comunidade. Isso dá ferramentas a essa comunidade para promover a sua auto transformação, sem ficar esperando que chegue uma grande empresa para dar emprego ou que chegue, digamos, um grande programa do Governo central.

O Governo é necessário, mas é complemento. O básico é onde as pessoas vivem. Então, esse eixo de ancorar o conhecimento dos alunos, a construção do conhecimento num conhecimento da própria comunidade, do município ou localidade onde vivem os estudantes, é um eixo extremamente poderoso na educação. Por isso, não tem sentido dizer que deve haver um currículo único, igualzinho para todo país, porque os problemas vão ser diferentes. Se você pega a cidade de Pintadas, que é uma pequena cidade do semiárido baiano, eles liquidaram a evasão escolar, o desinteresse dos alunos. Lá eles fizeram um acordo com o Instituto Federal da Bahia, e há aulas sobre como tornar produtivo o solo do semiárido, ou seja, uma necessidade concreta da região. Ao fazer isso, você está oferecendo ferramentas para os meninos e meninas, e junto com as ferramentas, você não está sendo apenas "prático", no sentido mais restrito do termo, porque, ao mesmo tempo, os professores estão discutindo com eles Biologia, Química, Física, o problema da divisão de classes, das resistências de certos grupos a que se aplique isso, possibilitando atribuir sentidos e significados a esses conhecimentos generalizáveis, a partir de uma realidade local.

Sabendo disso, a gente poderia se perguntar, por que o Brasil está tão fraco nesse negócio de desenvolver e apostar nesse tipo de educação? Uma das razões é que nós temos uma visão mais ampla, que é ideológica, que é a seguinte: quando uma empresa está produzindo um certo tipo de bonecas, por exemplo, ela diz: "Eu sou produtor, eu estou gerando emprego, pagando impostos e desenvolvendo o país". Fora disso, tudo o que é investimento social, saúde, educação, cultura, lazer, habitação, segurança, tudo isso é chamado aqui no Brasil de gasto e não investimento. Dentro dessa

⁵ Sobre processos de codificação e descodificação da realidade, conferir o capítulo 3 da "Pedagogia do Oprimido", de autoria de Paulo Freire.

lógica, é preciso gastar menos para crescer, é preciso "apertar o cinto", apertar o cinto do pobre, porque o rico vai ter o dinheiro, e com isso ele vai "desenvolver o país", vai produzir mais bonecas, mais casinha de plástico, vender mais produtos, e isso que é necessário. Na realidade, os países que romperam com o subdesenvolvimento, o Japão, por exemplo, a partir de 1868, os Estados Unidos, a China, mais recentemente, os países nórdicos, todos eles investiram pesadamente nas pessoas, ou seja, em educação, cultura, lazer, habitação social, etc., porque quando se investe nas pessoas, se investe na capacidade da pessoa transformar a realidade.

Foi assim nos Estados Unidos pós 1929, assim foi na Europa, no chamado o Estado de "Bem Estar", assim foi na Coreia, que manteve um nível extremamente igualitário da sociedade para a sua expansão e assim que é também na China, que tem muita desigualdade. Mas nos últimos 20 anos, no mundo, segundo o Banco Mundial, um bilhão de pessoas foram retiradas da miséria, e desse um bilhão, 700 milhões são chineses. Quer dizer, a China trabalha também pela base da sociedade. O que é absurdo é que no Brasil, enquanto no resto do mundo o investimento em educação, saúde e etc. é chamado de investimento nas pessoas, aqui se chama de gasto, portanto, algo negativo. Portanto, é na área social que se tem que apertar o cinto, agir com austeridade, em vez de apertar o cinto de quem se enche de dinheiro através de especulação financeira.

Entrevistadores - Professor, considerando que você teve uma convivência longa e próxima de Paulo Freire, o que dizer da obra desse educador, no ano que marca o 50º aniversário da "Pedagogia do Oprimido"?

Ladislau Dowbor - Olha, eu convivi bastante com o Paulo Freire. Desde os primeiros contatos, no Recife, em 1963, na experiência de alfabetização de Angicos⁶. Lembro-me que isso gerou, na época, a visão de que Paulo Freire tinha descoberto um método para alfabetizar mais rápido. Não era um método, em sentido restritivo, de técnica, era muito mais do que isso. Quando o sujeito sai de um processo de alfabetização no qual fica estudando as letras separadas, e frases tipo "Ana ama o gato", que não significa nada para ele, é muito diferente de você juntar uma comunidade de pedreiros e ensiná-los a escrever "tijolo". "Tijolo" significa muita coisa para eles, não é? Eu lembro de uma aula que foi ministrada por uma das filhas do Paulo Freire, a Madalena, lá naqueles Círculos de Cultura⁷. Ela mostrava, projetava uma imagem de tijolo, daí mostrava também a fragilidade desse objeto e, de repente, com o tijolo se constrói o muro, e aí, fica muito mais sólido, não é? E ela dizia: "Com vocês é a mesma coisa. Vocês individualmente podem ser fracos, mas juntos, vocês ganham força".

⁶ Para um aprofundamento sobre a experiência de alfabetização coordenada por Paulo Freire na cidade Angicos, RN, entre 1963 e 1964, consultar a obra "Alfabetizar e conscientizar: Paulo Freire, 50 anos de Angicos", organizada por Moacir Gadotti.

⁷ Sobre os chamados Círculos de Cultura, conferir, em especial, "Educação como prática da Liberdade", de autoria de Paulo Freire.

Ou seja, do conceito de tijolo, você gera uma construção de movimento social e de apropriação do próprio destino, do direito sobre si mesmo, que tem em qualquer pessoa. Quer dizer, vai além do aprendizado da palavra, e isso é extremamente forte. Depois do golpe civil-militar teve o tempo de exílio⁸, e eu voltei a reencontrá-lo já no Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra, assessorando diversos países em processo de libertação da colonização, e isso era muito mais do que alfabetização. Era um trabalho voltado também para a compreensão da dimensão da cultura como ferramenta de libertação das pessoas, sabe? Quer dizer, trabalhar com os sujeitos para que eles possam entender a situação em que estão vivendo, entender por que estão lá, quem está socialmente por baixo, ou por cima. E ao ter acesso individual e coletivo a determinadas ferramentas para analisar a realidade, isso empodera, ajuda na compreensão das transformações necessárias. Isso gerou um aprendizado muito grande para a gente que trabalhava com ele, em particular o pessoal da equipe econômica, porque a gente era muito centrado na ideia de que a libertação vem pelo econômico, e essa é uma ideia muito forte.

Então, na realidade, essa compreensão muito mais ampla do potencial libertador, do acesso à cultura no sentido amplo, nos move da fase de um método de alfabetização para a fase de compreensão e análise da cultura, da prática das pessoas. Eu aprendi muito com o Paulo Freire, e aprendi coisas curiosas como quando a gente estava na Guiné-Bissau, na África, eu trabalhava no Ministério do Planejamento, e colaborando com o Ministério da Educação, e a gente via as dificuldades dele para encontrar formas coerentes de trabalhar questões locais fundamentais. Por exemplo, veja que coisa curiosa, as línguas ali, o balanta e outras, não tinham a dimensão escrita e para escrever, tinha que usar o alfabeto e a língua portuguesa. Só que o português é a língua do colonizador, entende? O colonizador tinha massacrado famílias, extorquido aquele país, é um inimigo. E a dificuldade de você alfabetizar na língua do inimigo? E a busca, inclusive, por alternativas como o crioulo, que todo mundo falava, e que é uma mistura de línguas, aí sim, a coisa funcionava. Ou seja, não se trata de um conjunto de técnicas de aproximação da cultura, mas de desenvolver ferramentas culturais possibilitem uma aprendizagem que têm que coincidir com o produto das emoções, dos interesses, das necessidades das pessoas. Para isso, é preciso refletir sobre questões anteriores, como a dimensão de libertação humana, que isso significa? São lições assim que aprendi com Freire.

Muito mais tarde, eu vim a trabalhar com a Luiza Erundina, na Prefeitura de São Paulo, e com o Paulo Freire e a equipe dele na Secretaria de Educação, e era muito interessante. Por exemplo, a classe média, digamos, a classe média é uma tragédia, porque ela sempre tem medo dos que estão atrás, porque estão ali perto; embaixo, os pobres, e ela leva paulada dos de cima, os ricos, que dizem: “Vocês são recém-chegados, espera aí, fica aí moleque”, não é? Então, eles são revoltados, e não é à toa que saem para a rua por qualquer coisa e, muitas vezes, de maneira completamente equivocada,

⁸ Sob forte ameaça e risco de perder a vida, Paulo Freire exilou-se, por 16 anos, durante o período da ditadura militar no Brasil, trabalhando em diversos países do mundo, para a transformação de contextos sociais opressivos e a favor da autonomia e emancipação dos excluídos. Com a abertura política, foi possível o seu retorno ao Brasil, em 1980. Foi convidado pelo então arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, para ser professor da PUC-SP, cargo que ocupou até a sua morte, em 1997.

manipulados pelo próprio pessoal de cima. E essa classe média ficava indignada com a maneira de a educação partir de expressões populares, utilizá-las na prática pedagógica em um processo crítico e criativo de análise da realidade, de acordo com a pedagogia do Paulo Freire. E eram expressões usadas nas periferias de São Paulo, e que a classe média e a classe dominante da cidade podiam identificar, e isso gerava a revolta, e falas do tipo: "Tem que falar o português direitinho, como se deve, e evitar as expressões populares e coisas do gênero". Na realidade, a classe média fica espremida entre o desejo de ter uma educação elitizante, ou seja, a das chamadas "melhores escolas", conseguir mais diplomas, que possibilitem a ela se distanciar dos pobres, e a realidade de uma educação homogeneizadora e alienante, da base da sociedade.

Então, a educação é eminentemente política nesse sentido, em que as classes dominantes e a classe média querem um tipo de educação, que não inclui nem alcança a base da sociedade. Quando em São Paulo são criadas escolas com mensalidades de 8 mil reais, essa contradição fica evidente: "Isso aqui é para os de cima, vocês, ralé, ficam lá embaixo, certo?". Isso é tolice, porque qualquer pobre, qualquer moleque pobre, e eu dou aulas também na periferia, com o Padre Jaime, participando de diversos movimentos sociais, é tão brilhante, possui tanta capacidade intelectual, científica, quanto qualquer pessoa rica, certo? O que tem de rico boçal é só olhar! Então, na realidade, a inteligência desse processo educativo que é uma ação cultural, e aí eu cruzo a visão do educador e a visão econômica, é que você dá instrumentos científicos ricos e libertadores para a base da sociedade. Ao fazer isso você está enriquecendo o conjunto da sociedade. Você pega a maior parte da população e em vez de privá-la de conhecimento, para alguns privilegiados se manterem por cima, você democratiza o conhecimento, gerando uma sociedade muito mais rica, porque todo mundo se torna mais produtivo, que é a opção da China, por exemplo.

A China tem o CORE – *China Open Resources for Education*, com recursos educacionais abertos, acesso aberto a todo mundo, certo? Que é a solução finlandesa, que é a solução do Canadá, que é a solução da Coreia, e de países que entenderam que na era da sociedade do conhecimento, o conjunto do sistema educacional, o conjunto das áreas ligadas ao conhecimento, a cultura, a ciência e tecnologia, e a área de educação, em particular, tudo isso aí adquiriu uma importância maior. Eu queria dizer também o seguinte, nós estamos entrando na sociedade do conhecimento. Antigamente, se um cara era forte podia carregar mais sacos no porto de Santos, ele ganhava um pouco mais de dinheiro, estava tudo bem. Hoje, a riqueza não depende mais da capacidade física ou de matérias-primas, depende essencialmente do conhecimento incorporado.

Se eu pego o meu celular aqui, você vai ter aqui talvez 5% de matéria-prima e trabalho físico, o que é que está aí dentro? O valor disso é conhecimento incorporado! Pesquisa, tecnologia, novos materiais, design, coisas do gênero. A economia evoluindo do material. Por que essa perspectiva é tão diferente? Por exemplo, eu tenho no meu blog uma série de livros, eles estão todos acessíveis *online* gratuitamente. Bom, muita gente está acessando esses livros e isso não me tira pedaço. Ao contrário, muito mais gente me lê e com isso, me chamam para entrevistas, eu posso até ganhar dinheiro com palestras, coisas do gênero e meus livros passam a vender mais. Então, na realidade, quando a gente

vai para a economia do conhecimento, a gente se depara com uma mudança radical da economia, porque é uma economia intangível.

Quando eu te passo o meu relógio, especificamente, um bem do século passado, um bem físico. Se eu te passo o meu relógio, eu deixo de tê-lo. Se você pega o meu relógio, eu vou gritar: "Caramba, esse relógio é meu!". Porém, se eu te passo uma ideia, eu continuo com ela. Ou seja, o principal fator de produção da sociedade e de longe, o valor dos produtos hoje depende do conhecimento incorporado. O seu uso por outras pessoas não reduz o meu estoque. Isso levou a um livro fundamental do Jeremy Rifkin: "Sociedade com Custo Marginal Zero". Qual é o sentido dessa expressão usada pelo autor? Por exemplo, ao escrever um livro, eu gastei o meu tempo, gastei, enfim, foi um investimento para mim. Depois que eu fiz esse investimento, se mais pessoas lerem não gera custos ulteriores. Se eu tenho que produzir mais bens físicos, certo, e eu estou vendendo relógios ou bicicletas ou o que seja, para produzir mais eu tenho que comprar mais matéria-prima, contratar mais pessoas, comprar mais máquinas, etc. No caso do conhecimento, não; produziu, ele pode se multiplicar por milhões de pessoas sem gerar custos adicionais, inclusive, porque é intangível, você põe no computador, ele banha o planeta nas redes eletromagnéticas, qualquer moleque em qualquer parte do mundo com um celular no bolso pode acessar esse conhecimento, ou seja, estou gerando uma riqueza planetária, centrada no conhecimento que pode libertar em termos econômicos, em termos produtivos qualquer pessoa de qualquer parte do mundo.

Então, quando você tem pequenos produtores que escapam de atravessadores porque eles, com o seus celulares, têm uma plataforma que permite contatar diretamente quem vai comprar o seu produto sem passar pelos intermediários, não vai passar pelo banco e seus juros e etc., vai passar diretamente, negociar, fazer as transferências financeiras no celular, o quê que é isso aí? Você juntou a economia intangível, imaterial com a conectividade planetária que toda essa tecnologia permite. Isso gera, realmente, uma sociedade do conhecimento que muda radicalmente o conceito da organização do sistema produtivo. Daqui da minha casa, com um computador, celular, e conexão à internet, eu daqui, converso com o mundo, faço trocas com o pessoal da Universidade de Tóquio, entende? Coloco uma palavra-chave, se eu estou fazendo uma pesquisa, por exemplo, sobre desemprego em periferias metropolitanas, eu coloco essas palavras-chave e eu vou saber quem pesquisou o que no mundo e vou puxar, diretamente, esses artigos. Ou seja, há um deslocamento radical dos processos produtivos porque os conhecimentos são bens não rivais, eu tenho, passo para você e continuo com eles, diferente dos bens materiais.

Entrevistadores - É uma outra lógica, não é?

Ladislau Dowbor – O problema é que a cabeça das pessoas, em particular, dos governantes e dos empresários, continua no século passado: "Tenho esse conhecimento, eu vou patentear, é meu, eu sento em cima, mas ninguém toca". Isso é burrice, porque o pouquinho que ele vai extorquir de outras pessoas cobrando direitos para que esses sujeitos possam fazer alguma pesquisa complementar em

suas bases de dados, comparado com o potencial planetário que poderia ser gerado, se ele libera esse conhecimento, é ridículo! Então, todos os estudos mais recentes dizem que é preciso ir na direção contrária. Como é feito com OCW (o *OpenCourseWare*), do MIT, dos Estados Unidos, que coloca toda a sua produção científica disponível *online*, com acesso aberto, qualquer um pode baixar; o *China Open Resources for Education*, que inclusive já é utilizado por sistemas brasileiros que usam Recursos Educacionais Abertos (REA), enfim, a lógica econômica está mudando e é preciso atenção à essa mudança, em particular, pela centralidade do conhecimento no processo, e pelo fato de que ele é imaterial e que pode ser compartilhado. O principal fator de produção, hoje, o seu uso não reduz o estoque quando o utilizamos, pelo contrário, multiplica. Então, nós temos todas as ferramentas para gerar um planeta equilibrado e próspero e estamos enfrentando todos os sistemas de apropriação desse conhecimento que tentam travar através de *copyrights*, *royalties*, patentes, etc., travando esse conhecimento.

Agora pense o seguinte, Paulo Freire estava no começo dessa transformação. Em uma das últimas conversas que tive com ele, ele estava se familiarizando com a internet e outras mudanças tecnológicas; não usando, porque para ele até caneta BIC já era inovadora demais, ele tinha aquela caneta tinteiro maravilhosa, certo? Mas ele me disse um dia: "Ladislau, com esse negócio do computador, de fazer pesquisa *online* e tudo mais, o ser humano vai ser de uma capacidade de produção incrível, todo mundo vai poder ser de uma produtividade científica intelectual imensa", ele já tinha entendido esse negócio.

Agora você imagina a visão do Paulo Freire na era em que a libertação cultural não é só aprender a escrever, é escrever "tijolo" também, mas em que o próprio conhecimento é o principal fator de todos os processos produtivos. A educação não é mais um verniz de conhecimento para subir um pouco na vida, se trata do conhecimento como eixo estruturante do conjunto das atividades da humanidade. Então, na minha convicção, o Paulo Freire se torna muito mais atual no sentido de ele ser um pesquisador, que ainda nos anos 1950, 1960, já entendeu que o acesso ao conhecimento, de forma crítica, o domínio dos instrumentos científicos culturais, educacionais, é um eixo libertador das pessoas. Hoje não há nem dúvida de que é isso, não à toa, temos imensas empresas que estão tentando travar esse processo, entupindo as pessoas de visões de mundo particulares, publicidade, coisas do gênero.

Deixa eu só levantar um outro exemplo, que é da Wikipédia. A Wikipédia é a enciclopédia mais performante - todo mundo no planeta está usando. Ela é extremamente precisa, o tempo médio de um erro na Wikipédia é de dois minutos, porque as pessoas veem e corrigem, porque um monte de gente lê aquilo. Agora, caramba, poder ter acesso ao conhecimento de qualquer pessoa, no mundo, que fez uma contribuição ali, bastando eu escrever uma palavra-chave aqui, caramba, a gente não se dá conta da revolução que isso significa e a lição humana que isso significa. Veja, quando é que se pensaria em fazer uma enciclopédia gratuita? Uma enciclopédia *online*, em que milhões de pessoas que têm conhecimento acumulado, formação e possibilidade de colaborar, e essas pessoas veem a oportunidade de escrever uma notinha e dizer: "Olha, tal coisa funciona assim, tal coisa...", milhões de pessoas participaram dessa construção gratuita.

Hoje temos vários instrumentos colaborativos de construção do conhecimento e isso tem relação com a proposta do Paulo Freire. Mas o básico é que o conhecimento é o principal fator de produção, como ele é imaterial, ele pode ser distribuído no planeta gratuitamente e instantaneamente, e com a sensível melhora dos tradutores *online*, aos poucos, poderão ser superadas barreiras entre línguas, então, poderá ser criada uma construção colaborativa planetária de conhecimento, e ao meu ver, a Wikipédia é um dos primeiros passos. Se você olha, por exemplo, como hoje o nosso século 21 é o século da Biologia, se você olha como estão sendo feitas as pesquisas, o DNA, os ácidos nucleicos, o código da vida no planeta, são centenas de laboratórios no mundo trabalhando com *open access*, para ninguém estar reinventando a roda quando já se solucionou um certo aspecto da pesquisa em outros lugares. Além disso, em um processo colaborativo, todo mundo se torna muito mais produtivo. Estamos tentando, com muita dificuldade, sair com tantas ferramentas e transformar a Terra em um planeta próspero e colaborativo no século 21, batalhando com a velha guarda, que quer manter a desigualdade, a apropriação privada dos recursos, e o controle financeiro sobre o direito das pessoas adquirirem os bens e os serviços. E todo esse processo gera uma grande tensão, entre o sistema antigo que custa muito a mudar e o novo que está abrindo os cotovelos, querendo nascer.

Entrevistadores – Professor, ainda sobre o seu convívio com Paulo Freire, gostaríamos de saber como se deu o convite para escrever o prefácio do livro "À sombra desta mangueira"? Que destaques você faria desse trabalho?

Ladislau Dowbor – O Paulo já vinha acompanhando os meus trabalhos há bastante tempo. É notório, eu sou casado com a Fátima Freire, a segunda filha dele. Paulo e eu sempre tivemos muitas discussões. Em nosso convívio, primeiro no Recife, depois em Genebra, depois na África, depois aqui em São Paulo, também na Polônia, que era uma economia socialista, tudo isso gerou, digamos, um conjunto de visões e uma familiaridade e uma melhor compreensão minha de como funciona, digamos, a cabeça do Paulo Freire e era recíproco, porque ele era uma pessoa que sabia ouvir. De certa maneira, sem ser pretencioso, da mesma maneira como eu passei a entender que muito além da economia, digamos a própria economia passava a fazer mais sentido se incluísse nela a questão essencial da apropriação do conhecimento, em uma perspectiva libertadora. Do lado dele ficou muito claro, em algumas conversas nossas, que ele compreendia e valorizava a dimensão econômica de você poder mobilizar a cultura como elemento transformador.

O Paulo Freire tinha grande apreciação por essa temática, e recomendou muito, por exemplo, para editoras que publicassem o meu livro sobre a reprodução social. Então quando ele me pediu, e nesse caso, estava pedindo a um economista, um prefácio para um livro que é, em grande parte, retrospectivo, "À sombra desta mangueira" - é a mangueira da infância dele, do conforto, da felicidade, essas coisas do convívio pessoal, isso me obrigou a fazer um prefácio que contemplasse a visão do papel libertador da apropriação e da criação cultural, do universo de Freire, em diálogo com as transformações trazidas das dimensões econômicas. E os dois eixos são, evidentemente, essenciais.

Entrevistadores - Quais os alertas que você, com a experiência de sociólogo e economista, pode dar aos educadores, hoje, diante da onda de violência, intolerância e desigualdade que penetra as escolas e a prática de educadores e educandos?

Ladislau Dowbor – Eu lembro que a "Revista Veja", quando o Professor Paulo Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira⁹, publicou um artigo desancando o Paulo Freire, naquela direção de incitação de ódio, que é a marca registrada da "Veja". Eles terminam o artigo dizendo que os educadores no Brasil deveriam criar vergonha e se espelharem num cientista como Albert Einstein e não num subversivo como Paulo Freire, não é? O que em si é muito divertido, porque aí eu mandei para a "Veja", e nunca publicaram, um artigo do Albert Einstein chamado "*Why Socialism?*", ou seja, por que precisamos do socialismo? Imagino que os jornalistas que escreveram o artigo nunca tinham lido Einstein e nunca entenderam qual é a visão de mundo dele.

Numa visão mais ampla, o problema básico é o seguinte, o ser humano é apenas parcialmente regido por intelecto, a presença do que eu chamo "fígado" é muito forte. Se eu menciono para a pessoa "Lula" ou "Dilma" ou alguma coisa assim, se o cara é de direita, eu vejo nos olhos dele que o pensamento dele está migrando da cabeça para ao fígado. Aí liquidou-se a capacidade de raciocínio. A direita não tem o monopólio disso, tem um bocado de pessoas na esquerda que eu já conheci que tem essa atitude. A atitude de tolerância às ideias é fundamental, ou seja, é preciso resgatar a capacidade de compreensão das coisas e de dialogar; ao mesmo tempo, temos que assumir que não se tolera a falta de tolerância. Ou seja, a pessoa que resolve o seu problema declarando o outro como inimigo, se torna impermeável a argumentos que são racionais, e que fazem sentido.

Porém, porque simplesmente fechou a cortina e decretou: "aqui não entra outro tipo de pensamento", essa pessoa, muitas vezes, justifica a violência, os preconceitos, barbaridades, em função desse trancamento, da falta de escuta, desse fígado que azeda a sua vida, isso não pode ser tolerado. Isso foi muito estudado no quadro da luta do ANC na África do Sul pela libertação e pela saída do sistema racista que dominava a África do Sul. O Nelson Mandela era declarado terrorista! Pensar em Nelson Mandela terrorista para quem o conheceu, e eu o conheci, é uma grande besteira. Na realidade, o que se tinha era uma dimensão de polarização, em que o Nelson Mandela preconizava, sim, a luta armada contra o regime de segregação racial na África do Sul, porque seria uma luta armada que não multiplicava a violência, mas que resolvia uma situação de violência que era o Apartheid, em que a maioria da população era subjugada em proveito de uma minoria. Isso é muito interessante, isso foi trabalhado em particular por Merleau-Ponty, que é um filósofo francês. Quer dizer, há movimentos de pressão social que libertam a sociedade e outros que cristalizam a desigualdade e geram novas violências. Esses que freiam, que geram desigualdade, que geram exploração e outras barbaridades, ele apenas adia e multiplica e aprofunda as tensões da sociedade. Então quando

⁹ Conferir Lei Federal nº 12.612, de 2012.

trabalho com esse tema de enfrentar a intolerância, o fechamento, a boçalidade, simplesmente, isso tem que ser enfrentado de maneira muito forte.

Tem um livro extremamente interessante que é de 1856, do Stuart Mill, chamado "*The Subjection of Women*", a sujeição das mulheres e ele diz: "Olha, como é que um imenso potencial de inteligência, de trabalho, de produtividade, de contribuição cultural que são as mulheres, nós transformamos isso em bonequinhas vestidas que têm que fazer dancinhas para nós, homens, que nos ocupamos de coisas sérias e coisas do gênero?". E ele traz o seguinte raciocínio: "Eu converso com gente culta, com gente que conhece o mundo, com gente que lê Filosofia, que entende os conceitos, que pensa os problemas e digo: Olha, como é que a gente pode ser tão ridículo de sujeitar as mulheres a reduzirem as suas contribuições para a sociedade?". E o que escreve Stuart Mill é que embora esses sejam argumentos óbvios, que poderiam mudar a forma de pensar das pessoas, muitas delas reagem se tratando de uma forma pior ainda, porque, na realidade, as ideias que poderiam trazer uma nova visão sobre a mulher não entram por meio da compreensão e inteligência, mas sim, de uma forma emocional, pelo figado, entende? E tentar desmontar um preconceito, não é tarefa fácil.

Trata-se de um pré-conceito, antes de ter o conceito, antes de ter a compreensão, o cara sente, o cara tem aquele ódio. Tentar resolver isso só com argumentos intelectuais é extremamente difícil. Seriam necessárias outras formas, outros canais, conhecimentos de outras ordens, por exemplo, aqueles gerados através de uma explosão social que traz um impacto, uma emoção que as pessoas dizem: "Não, eu realmente tenho que repensar essa coisa...", então, isso é muito interessante. Como é que pessoas cultas e informadas defenderam a escravidão durante tanto tempo? Hoje temos, por exemplo, você pode pegar no meu blog, em dicas de leitura, um livro chamado "*The Righteous Mind*", do Jonathan Haidt. Ele trabalha na obra a questão de como nós construímos a justificação para os nossos preconceitos. E tem um negócio que é muito simpático, muito conhecido do psicólogo Jung, psicanalista, ele dizia que pensar dá muito trabalho, por isso as pessoas preferem ter opiniões. Uma forma sintética, digamos assim, de qualificar a burrice social.

Entrevistadores – Professor, já nos despedindo e agradecendo muitíssimo por seu tempo e disponibilidade, há mais algum comentário que o senhor gostaria de fazer ou mensagem que gostaria de deixar para os leitores da revista Reflexão e Ação?

Ladislau Dowbor – Eu diria o seguinte, nós somos um país de 210 milhões de habitantes, com um grande número de alunos, professores, administradores de educação, etc., um pouco mais de 50 milhões. Se a gente começar a trabalhar de maneira inteligente, com acesso ao conhecimento, *open access*, se trabalhar em uma perspectiva problematizadora, se trabalhar enraizado com as comunidades, enfim, trabalhar menos a lousa, a educação em um sentido tradicionalista e convencional, buscando formas mais inteligentes e democráticas de reconstrução do universo que são os processos de ensino-aprendizagem e de construção do conhecimento, podemos nos tornar, cada um de nós, em um transformador social de imenso potencial.

REFERÊNCIAS PARA APROFUNDAMENTO E SELEÇÃO DE PUBLICAÇÕES DO ENTREVISTADO:

Blog do professor Ladislau Dowbor

<http://dowbor.org>

Resenha do livro “Sociedade com Custo Marginal Zero”, de Jeremy Rifkin:

<http://dowbor.org/2015/03/jeremy-rifkin-the-zero-marginal-cost-society-the-internet-of-things-the-collaborative-commons-and-the-eclipse-of-capitalism-new-york-palgrave-macmillan-2014.html/>

Resenha do livro “The Righteous Mind”, Jonathan Haidt:

<http://dowbor.org/2013/06/jonathan-haidt-the-righteous-mind-why-good-people-are-divided-by-politics-and-religion-a-mente-moralista-por-que-boas-pessoas-sao-divididas-pela-politica-e-pela-religiao.html/>

Prefácio do livro “À sombra desta mangueira”, de Paulo Freire:

<http://dowbor.org/1995/01/prefacio-paulo-freire-a-sombra-desta-mangueira-2.html/>

Resenha do filam "Hannah Arendt", dirigido por Margarethe Von Trotta:

<http://dowbor.org/2013/08/hannah-arendt-alem-do-filme-agosto-2013-3p.html/>

Construção de conhecimento em rede:

<http://dowbor.org/2017/11/luciano-junqueira-e-roberto-padula-orgs-aprendizagem-no-ensino-superior-no-seculo-xxi-tiki-books-sao-paulo-2017-350p-isbn-978-8513-6.html/>

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**. São Paulo: Autonomia Literária, Outras Palavras, 2017, 312p.

DOWBOR, Ladislau; SILVA, Hélio (Orgs.). **Propriedade Intelectual e direito à informação**. 1. ed. São Paulo: Educ, 2014. 177p.

DOWBOR, Ladislau. **Economic Democracy: a Brazilian perspective**. 1. ed. Saarbrücken: Lambert Academic Publishing, 2014. v. 1. 135p.

DOWBOR, Ladislau. **Os estranhos caminhos do dinheiro**. 1. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 1. 70p.

DOWBOR, Ladislau; POCHMAN, Marcio (Org.). **Políticas para o Desenvolvimento Local**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.